



1. estrutura geral do texto;
2. coerência lógica;
3. sistema de conectivos de coesão textual (morfofossintáticos, semânticos, prosódicos e sonoros);
4. emprego de vários tipos de construção da frase;
5. uso da pontuação;
6. aspecto gráfico do texto. (Sabatini, 1990, p. 637).

Nas tabelas a seguir, ilustraremos as três tipologias textuais ao longo do *continuum* entre o polo rígido e o polo elástico, evidenciando a função e os gêneros textuais (Sabatini, 1990, 2016).

Tipologia Textual	Função Textual	Gêneros Textuais
Textos Rígidos (Vínculo Máximo)	Estabelecer Normas e Direitos.	Leis, Alvarás, Regulamentos.
	Definir e descrever com exatidão fenômenos, objetos, lugares e acontecimentos.	Documentos de identidade, Certificados, Tratados Científicos e projetos.
	Fornecer instruções precisas para realizar operações.	Textos Técnicos (Manuais de instruções).

**Tabela 1.** Textos Rígidos.

Tipologia Textual	Função Textual	Gêneros Textuais
Textos Semirrí- gidos (Vínculo Médio)	Explicar uma disciplina a quem não a conhece.	Manuais de Estudo.
	Argumentar ideias.	Ensaio de crítica.
	Dar conselhos práticos e de comportamentos.	Guias Turísticos.
	Tornar simples conhecimentos complexos.	Literatura de divulgação.
	Difundir informações comuns e guardar memórias de fatos, lugares e pessoas.	Artigos de jornais, diários.

**Tabela 2.** Textos Semirrígidos.



Tipologia Textual	Função Textual	Gêneros Textuais
Textos Elásticos (Vínculo Mínimo)	Representar mitos, lendas e vicissitudes humanas na cena;	Roteiros de uma peça teatral, de um filme ou de um produto ficcional televisivo.
	Reelaborar fatos parcialmente verdadeiros, representar mundos fantásticos.	Textos de narrativa; romances de aventura.
	Compartilhar a própria experiência existencial.	Textos poéticos.

**Tabela 3.** Textos Elásticos.

Analisando as características textuais dos videoverbetes, podemos incluí-los nos gêneros textuais semirrígidos por serem uma mistura de aula acadêmica [-rígida] e de conferência científica [+rígida]. De fato, podemos afirmar que o processo de popularização do Discurso Científico através da divulgação mediática deslocou parcialmente a tipologia textual dos videoverbetes do Discurso Científico Especializado (tipologia textual rígida) ao Discurso de Semidivulgação Científica (tipologia textual semirrígida).

Sabatini (2016, p. 141) afirma que os textos que podemos definir semirrígidos propõem “conoscenze nuove” e solicitam “una comprensione graduale, attraverso spiegazioni successive ed esempi” e continua evidenciando que nessa tipologia de textos a forma linguística “deve liberarsi dell’estremo rigore e proporre più agevoli e a volte molteplici formulazioni dei concetti”.

Os textos semirrígidos e elásticos têm em comum a presença de traços de elasticidade, configurando-se como tipologias claramente diferentes dos textos rígidos, que excluem esses traços. De fato, em textos semirrígidos é possível encontrar trechos de elasticidade como o uso de paráfrases e sinônimos, juntamente com trechos de rigidez, como a codificação e repetição de termos técnicos e científicos. Assim podemos contemplar, dentro da categoria de textos semirrígidos, um *continuum* que vai desde gêneros textuais que permitem poucos traços de elasticidade até gêneros particularmente densos.



## A fala acadêmica monitorada entre as dimensões de variação diafásica e diamésica

Os videoverbetes, como dissemos, são eventos comunicativos planejados, nos quais os relatores podem utilizar recursos multimodais, mesmo se limitados às imagens, e uma variedade diamésica (mediada pela web). Essa variedade diamésica, ou seja, a fala acadêmica monitorada dos videoverbetes, pode ser considerada uma língua especial devido ao seu alto grau de especialização e pelo fato de apresentar um léxico específico e especializado e modalidades próprias para a formação de neologismos ou para a estruturação dos textos (Cf. Sobrero, 2006, p. 239).

A tal propósito, Berruto (2004, p. 156) propõe uma classificação para identificar as línguas especiais, colocadas principalmente na dimensão de variação diafásica, distinguindo-as em:

- a) le lingue speciali in senso stretto, cioè i sottocodici veri e propri, forniti e contrassegnati da un proprio lessico particolare ed eventualmente da tratti di morfosintassi e testualità caratteristica;
- b) le lingue speciali in senso lato, che non hanno propriamente un lessico specialistico ma sono comunque strettamente legate ad aree particolari extralinguistiche di impiego, e sono caratterizzate da scelte lessicali e da formule sintattiche e testuali;
- c) i gerghi, che hanno un lessico particolare con propri meccanismi semantici e di formazione delle parole ma senza il carattere di nomenclatura, e sono legati non a sfere di argomenti ed aree extralinguistiche, ma piuttosto a gruppi o cerchie di utenti (i gerghi sono in effetti allo stesso tempo varietà diafasiche e diastratiche).

Podemos afirmar que a fala acadêmica monitorada dos videoverbetes, pela tipologia textual e pelas funções textuais, caracteriza-se pelo uso de uma linguagem monorreferencial, na qual a univocidade de conceitos é pretendida<sup>3</sup>.

3. "Molto spesso, infatti, la divulgazione presso il grande pubblico delle conoscenze scientifiche si scontra con un problema di fondo, cioè con la radicale differenza tra la lingua scientifica (in particolare il lessico, che risponde al requisito della massima individuazione e soggiace ad un rapporto biunivoco con il referente) e la lingua comune (che a causa del suo carattere polisemico e vago può essere equivoca)" (Cortelazzo, 1994, pp. 28-29).



Projeta-se o texto para que apenas um significado por termo seja admitido, sem qualquer presença de sinônimos para evitar ambiguidades e para garantir a absoluta clareza do conteúdo.<sup>4</sup> Desta forma, tenta-se assegurar uma clareza de conceitos, que são percebidos de forma direta e imediata.

Claramente, essa pretensa univocidade dos termos utilizados é adotada de forma específica, de acordo com o campo em questão, uma vez que o mesmo termo em outro contexto fora do campo de referência da Análise do Discurso pode assumir uma conotação diversa e veicular um sentido diferente.

### Uma Língua Especializada

A fala acadêmica monitorada dos videoverbetes é identificada principalmente por uma variável diamésica, conforme o meio, o canal de transmissão utilizado e a modalidade de língua empregada, se falada, escrita ou transmitida (como no nosso caso), e por uma variável diafásica —ligada à situação comunicativa e à relação entre os interlocutores— que determina a escolha de um determinado registro linguístico (formal/informal) ou traços léxicos/sintáticos específicos. Trata-se, portanto, de uma língua especial *stricto sensu* ou, segundo Sobrero (2006), de língua especializada<sup>5</sup> e isso pressupõe, pela tipologia textual e pelas funções textuais, que a fala acadêmica monitorada deveria apresentar as seguintes características:

1. Alto Nível de Monitoramento na articulação do discurso e, portanto, não deveriam se registrar traços característicos da fala espontânea, como: repetições, falsas partidas, reformulações, marcadores discursivos, etc.;
2. Registro formal ou semiformal;
3. Amplo uso de terminologia técnico-científica setorial.
4. Os enunciados textuais organizados e construídos como frases-tipo e com todas as valências verbais satisfeitas.

Todavia, analisando os videoverbetes, emerge que só a 2<sup>a</sup> característica (Registro formal ou semiformal) e a 3<sup>a</sup> (Amplo uso de ter-

4. Todavia, somos conscientes que as palavras são naturalmente medidas de sentido e que não portam todo o sentido pretendido, mesmo nos textos rígidos nos quais se empregam línguas especiais. Apesar da suposta univocidade, nem sempre a interpretação pragmática do destinatário é 100% recuperável.

5. “Alcune lingue speciali riguardano discipline ad alto grado di specializzazione (come la fisica, l’informatica, la linguística): le chiameremo «lingue specialistiche» (LSP).” (Sobrero, 2006, p. 239).



minologia técnico-científica setorial) resultam satisfeitas em todos os textos. Entretanto, apesar de ser um subcódigo especializado, pelo fato de ser uma variedade diamésica oral numa tipologia textual semirrígida como a do discurso de Semidivulgação Científica, registramos uma série de construções e de fenômenos sintáticos próprios do PB neo-standard que afastam essa variedade do PB técnico-científico<sup>6</sup>.

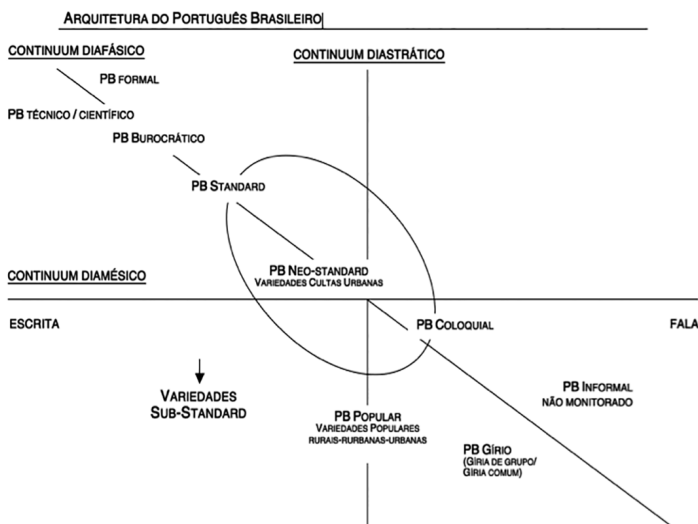


Figura 1. Arquitetura do português brasileiro

De fato, na maioria desses textos audiovisuais são presentes repetições, falsos começos, reformulações e se registra um abundante uso de marcadores discursivos. Quanto à organização e construção dos enunciados textuais, nem sempre se registram características de frases-tipo e nem sempre as valências verbais ficam satisfeitas.

A tal propósito, registramos a presença de uma série de construções e de fenômenos sintáticos típicos do PB neo-standard que demonstra uma certa interferência, permitindo o esboço de um *continuum* entre o PB técnico-científico e PB neo-standard. Na nossa amostra encontramos: construções existenciais com o verbo TER, mesmo não sendo a opção mais utilizada (“E tem aquele exemplo maravilhoso que...”,

6. O PB neo-standard é a variedade de PB de uso comum, empregada por locutores cultos urbanos brasileiros e que pode se considerar como um novo standard em formação, cujas construções, formas e realizações mais salientes se registram também nos gêneros textuais falados e escritos mais monitorados, como é o caso dos videoverbetes.



*Acontecimento, deslocamento e estranhamento*); construções relativas cortadoras (“...dependendo do corpus Ø que você tá trabalhando”, *Lugar Discursivo*); construções com verbos perceptivos e causativos em que o sintagma nominal que desempenha a função de sujeito do infinitivo nas frases encaixadas, quando é expresso por um pronome pessoal, apresenta forma do nominativo (“o regime de sentido que intervém naquele gesto e faz ele significar”, *Gesto*). Todavia, nesse trabalho focaremos a nossa atenção apenas sobre o maior preenchimento do sujeito referencial em relação ao PB standard, mais especificamente, em sujeitos pronominais com correferente [ $\pm$ humano], e sobre alguns fenômenos sintáticos considerados prováveis efeitos colaterais do primeiro, como o emprego de estratégias inovadoras para o sujeito de referência arbitrária: VOCÊ, A GENTE e a 3PS, resultado do apagamento do “SE” indeterminador, e construções de tópico marcado como o deslocamento à esquerda de sujeito.

### O Corpus de Fala Acadêmica Monitorada PB-FAM

A análise quantitativa está baseada numa amostra de PB acadêmico contemporâneo —o Corpus de Fala Acadêmica Monitorada PB-FAM— extraída dos videoverbetes da ENCIDIS. Para tornar a análise coerente e comparável aos dados relativos aos corpora de fala teatral (Duarte, 1993; 2012), de fala fílmica (De Rosa, 2017; 2019; 2020a), de fala espontânea (Duarte, 2004; Barbosa, Duarte e Kato, 2005) e de fala culta urbana (Berlinck, Duarte e Oliveira, 2015), foram selecionadas nesta etapa da pesquisa apenas 28 dos 32 videoverbetes acessíveis no canal da ENCIDIS.<sup>7</sup> Nos verbetes excluídos, o relator limita-se à leitura de um texto escrito e por isso decidimos não incluí-los numa amostra de fala.

7. Por problemas ligados à pandemia, quatro dos 36 videoverbetes resultam não acessíveis aos usuários do canal YouTube oficial.



Os 28 videoverbetes que formam o nosso corpus são:

- |   |   |
|---|---|
| 1. <i>Acontecimento discursivo;</i>                   | 14. <i>Espaço virtual;</i>                |
| 2. <i>Acontecimento, deslocamento, estranhamento;</i> | 15. <i>Formação Discursiva;</i>           |
| 3. <i>Arquivo e Museu da Língua Portuguesa;</i>       | 16. <i>Formação discursiva I;</i>         |
| 4. <i>Censura;</i>                                    | 17. <i>Gesto;</i>                         |
| 5. <i>Condições de produção;</i>                      | 18. <i>Ideologia e rede eletrônica;</i>   |
| 6. <i>Dicionário de discurso;</i>                     | 19. <i>Lugar discursivo;</i>              |
| 7. <i>Disciplinarização e manualização;</i>           | 20. <i>Memória Discursiva I;</i>          |
| 8. <i>Discurso;</i>                                   | 21. <i>Memória metálica;</i>              |
| 9. <i>Discurso e cinismo;</i>                         | 22. <i>Negação e negação discursiva;</i>  |
| 10. <i>Enunciação;</i>                                | 23. <i>Sujeito e Língua;</i>              |
| 11. <i>Equação Linguística;</i>                       | 24. <i>Sujeito urbano escolarizado;</i>   |
| 12. <i>Equívoco na língua;</i>                        | 25. <i>Texto escolar e discurso;</i>      |
| 13. <i>Glossário da Análise do Discurso;</i>          | 26. <i>Tríplice aliança;</i>              |
|   | 27. <i>Voz como objeto simbólico I;</i>   |
|   | 28. <i>Voz e processo de subjetivação</i> |

### *Preenchimento da posição sujeito*

O PB, segundo quanto atestam muitos estudos que analisam dados da língua falada (Lira, 1982; 1996; Duarte, 1995; 2000), da língua escrita (Paredes Silva, 1988; 2003), da fala teatral (Duarte, 1993; 2012) e da fala fílmica (De Rosa, 2017; 2019; 2020a), está perdendo, à luz de toda uma série de mudanças linguísticas, as características de uma língua de sujeito nulo (SN), como o português europeu (daqui em diante PE) ou o italiano, passando de língua pro-drop a língua pro-drop parcial (Kato, 2000)<sup>8</sup>.

De fato, o emprego crescente dos pronomes pessoais sujeito, observado na história do PB (Kaiser, 2006, p. 11), acompanha-se, de um lado, do enfraquecimento da morfologia verbal com consequente redução do paradigma verbal (a flexão verbal de número e pessoa reduziu-se a 3/4 formas) e, do outro, da reestruturação do sistema pronominal.

8. As línguas que permitem a omissão do sujeito gramatical, como o italiano, chamam-se línguas de sujeito nulo (ou línguas pro-drop), enquanto as línguas que não permitem a omissão do sujeito, como o inglês, chamam-se línguas de sujeito obrigatório (ou línguas não pro-drop).



PESSOA	NÚM.	PB STANDARD	PB NEO-STANDARD
1ª	sing.	cant-o	cant-o
2ª direta	sing.	canta-s	-----
2ª indireta	sing.	canta-Ø	canta-Ø
3ª	sing.	canta-Ø	canta-Ø
1ª	plur.	canta-mos	canta-mos/canta-Ø
2ª direta	plur.	canta-is	-----
2ª indireta	plur.	canta-m	canta-m
3ª	plur.	canta-m	canta-m

Tabela 4. Paradigma do PB standard<sup>9</sup> e do PB neo-standard.

Essa mudança pode-se colocar dentro do processo de neo-standardização do PB através do qual se registra a aceitação cada dia mais difusa, no novo standard em formação, de construções na origem marcadas e específicas das variedades de fala não standard (monitoradas ou não). Nesse processo, tem uma certa relevância a ordem dos constituintes da frase. De fato, a tal propósito, é necessário reafirmar que, se no PB standard a ordem “não marcada” dos constituintes da frase é ainda considerada (S)VO (Sujeito-Verbo-Objeto), e o sujeito pode ser omitido porque o PB standard apresenta um paradigma flexional rico, no PB neo-standard a ordem “não marcada” dos constituintes é SV(O), devido efetivamente às mudanças linguísticas de que estamos falando: maior preenchimento do sujeito e omissão do clítico objeto, sobretudo o acusativo da 3P, quando ele pode ser representado pela categoria vazia/objeto nulo (Tarallo, 1993).

Portanto, a mudança paramétrica interessa e afeta o PB neo-standard (ou variedades cultas urbanas) e não o PB standard. Essas duas definições (neo-standard e variedades cultas urbanas) podem se considerar relativamente intercambiáveis, porque a primeira definição, neo-standard, é uma etiqueta que evidencia principalmente os traços unitários do diassistema, relativos ao plano morfossintático, que constituem a base comum dos usos da língua entre locutores cultos urbanos; enquanto a segunda, variedades cultas urbanas, se refere aos aspectos diferenciadores associados à variação diatópica, perceptível, principalmente, no plano fonético-prosódico e lexical.

Os resultados obtidos a partir de dados que tiveram em consideração somente sujeitos pronominais (plenos ou nulos) de frases de tempo finito confirmam que o PB neo-standard (enquanto que o PB standard continua uma variedade de língua pro-drop) pode ser considerado uma (variedade de) língua pro-drop parcial, uma vez que,

9. O paradigma do PB standard, que contempla seis pessoas flexionalmente marcadas, é claramente anacrônico, mas continua presente nas gramáticas prescritivas brasileiras.





como registram os estudos acima citados, existem ainda diversos contextos de resistência onde é possível a omissão do sujeito referencial.

Entretanto, segundo os trabalhos supracitados, o PB permite — além de um maior preenchimento do sujeito referencial— também um maior preenchimento da posição de sujeito do que no PE em relação a:

a) Sujeitos pronominais de referência arbitrária:

“Eles deveriam ensinar amor às crianças” (Cyrino, Duarte e Kato, 2000, p. 62).

b) Sujeitos pronominais com correferente não animado:

“**A casa** virou um filme quando ela teve de ir abaixo” (Duarte, 2000, p. 22).

c) Deslocamento à esquerda de sujeito (duplicação de sujeito por um pronome):

“**O Paulo** ele gosta de cinema brasileiro”.

Quanto ao nosso corpus, analisaremos nos videoverbetes:

- I. o preenchimento do sujeito referencial com correferente [ $\pm$ humano];
- II. o deslocamento à esquerda de sujeito;
- III. o preenchimento do sujeito de referência arbitrária.

### *O preenchimento do sujeito referencial*

No PB existe a preferência por sujeitos plenos referenciais na 1P, na 2P e na 3P. Essa preferência foi confirmada também em quase todos os videoverbetes da nossa amostra, nos quais registramos um maior preenchimento de sujeitos referenciais do que no PB standard:

- (i) E eu vou trazer então aqui alguns exemplos de equações linguísticas para ficar mais claro. (*Equação linguística*);
- (ii) Isso compete somente a ele. Bellows balançava o braço protestando. “Você quer dizer que se alguém enviar esterco de cavalo colado na tela nós vamos ter que aceitar?” (*Acontecimento, deslocamento e estranhamento*);
- (iii) o fato de **os discursos** hoje que circulam, né?, na rede, se eles produzem outros efeitos, hein? (*Espaço Virtual*);



- (iv) Então, o conceito de acontecimento discursivo é apresentado por Michel Pêcheux no livro do qual a gente já conversou... (*Acontecimento, deslocamento e estranhamento*);
- (v) Então a **memória metálica** é uma memória que acumula, é uma memória que não esquece. Ela é a base do digital... (*Memória metálica*).

Na tabela 5, transcrevemos os dados relativos às ocorrências de cada uma das formas pronominais encontradas na nossa amostra, referidas à 1P, à 2P e à 3P do singular e do plural. Como podemos ver, perpetua-se a consagração do predomínio do sujeito pleno sobre o sujeito nulo, confirmando o processo de mudança em andamento.

Forma Pronominal	Pronome Pleno/Total	%
EU	151/173	87,28%
VOCÊ	2/2	100%
ELE/ELA	174/213	81,69%
A GENTE	34/34	100%
NÓS	7/33	21,21%
VOCÊS	-	-
ELES/ELAS	32/45	71%

**Tabela 5.** Percentagem das ocorrências de sujeitos plenos referenciais.

Quanto à 1P e à 2P do discurso, registramos 80% de preenchimento para a 1P (192 ocorrências em 240) e 100% de preenchimento para a 2P, mesmo que se trate apenas de 2 ocorrências. Os dados revelam uma certa proximidade relativamente à fala teatral (Duarte, 1993), na qual para a década de 1990 se registra, para a 1P, o sujeito pleno a 82% e, para a 2P, o sujeito pleno a 78%; à fala espontânea (Duarte, 2004; Barbosa, Duarte e Kato, 2005), na qual se registra para a 1P o sujeito pleno a 74% e para a 2P a 90%; à fala culta urbana (Berlinck, Duarte e Oliveira, 2015), na qual se registra para a 1P (81%) e para a 2P (86%) e à fala fílmica, na qual se registra 71% de preenchimento do sujeito para a 1P e 71,68% de preenchimento para a 2P.

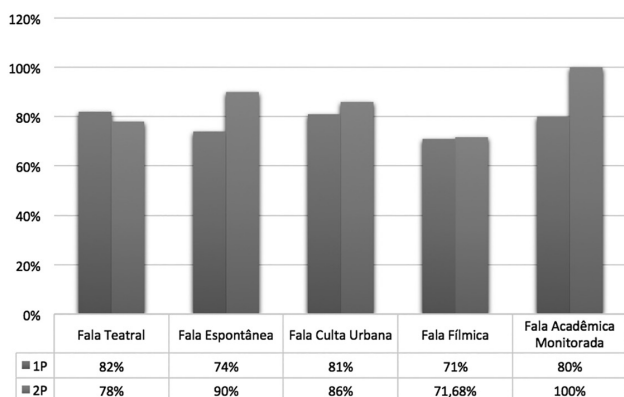


Figura 2. Sujeitos plenos referenciais relativos à 1P e à 2P do discurso.

Todavia, se compararmos os dados da 3P (com uma percentagem de 79,84%, 206 ocorrências em 258) com os resultados sobre a fala teatral: 45% (Duarte, 1993), sobre a fala espontânea: 58% (Duarte, 1995; 2004; Barbosa, Duarte e Kato, 2005) e a fala filmica: 60,89% (De Rosa, 2019; 2020a), registramos uma inversão de tendência que se aproxima mais dos dados de fala culta urbana presentes em Berlinck, Duarte e Oliveira (2015), em que se registra uma média de 75,80% de preenchimento do sujeito de 3P (3PS 78%; 3PP 71%).

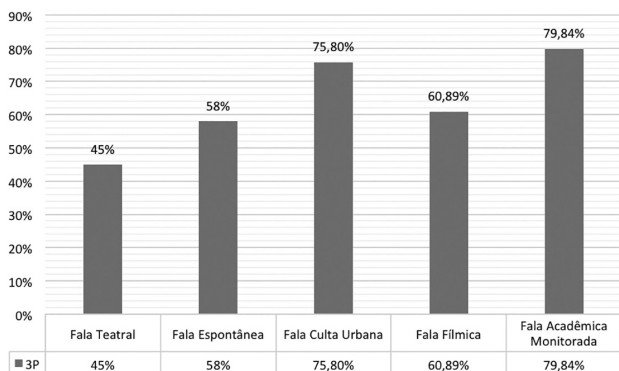


Figura 3. Sujeitos referenciais plenos relativos à 3P do discurso.

No entanto, registra-se o preenchimento de sujeitos referenciais com correferente [ $\pm$ humano], tanto nos casos em que o traço semântico do referente resulta ser [+humano], [+animado] e [ $\pm$ específico], quanto nos casos em que se trata de traço [-humano], [-animado] e [ $\pm$ específico], assim como evidenciam os exemplos a seguir:



- (i) ...então o que a gente precisa ficar atento, com relação à questão da **censura**, é que (...) ela [-humano] [+específico] também se atualiza... (*Censura*).
- (ii) ...quando eu falava de **Dalva de Oliveira**, que era aquela mulher que provocou mil escândalos por causa da sua fal... da... dos problemas que Ø tinha com o marido, o compositor Herivelto Martins, assim, quando ela [+humano][+específico] ia para o palco, quando ela [+humano][+específico] ia para os auditórios da rádio cantar... (*Voz e processo de subjetivação*).
- (iii) Qualquer **ação** que você faça, pode significar ou não. E quando significa, ela [-humano] [-específico] já significa por um sentir já dado (*Gesto*);
- (iv) **Pêcheux** (...) é no texto que ele [+humano][+específico] escreve em 1971, junto com a **Claudine Haroche e o Paul Henry**, é um texto em que eles [+humano][+específico] vão falar sobre a importância de uma mudança (...) (*Formação discursiva*).

### *Deslocamento à esquerda de sujeito*

O deslocamento à esquerda de sujeito, com a duplicação do sujeito, sinaliza, segundo Duarte (2000) e Duarte e Soares da Silva (2016), a mudança sintática que está afetando o PB neo-standard que está se tornando uma língua pro-drop parcial. Essa mudança, além de afetar referentes [-humanos], “exhibits an expressive occurrence of LD subjects, which are not attested in Romance NSLs” (Duarte e Soares da Silva, 2016, p. 19).

De fato, assim como os dois autores atestam e assim como foi registrado também na nossa amostra de fala acadêmica monitorada:

- a) as estruturas de deslocamento à esquerda de sujeito podem aparecer na sentença matriz ou encaixada:
  - (i) eu costumo dizer que **gesto** ele ([-humano] equivale a um acontecimento (*Gesto*).
  - (ii) **a negação** ela [-humano] é entendida como... (*Negação*);
- b) o elemento deslocado pode estar ou não sintaticamente adjacente ao pronome correferente:
  - (i) Mas a **censura**, nessa visada discursiva, ela [-humano] vai além... (*Censura*);



- c) não são condicionadas pelo traço semântico do referente:
- (i) **esse espaço virtual** ele [-humano] se caracteriza (*Espaço Virtual*);
- (ii) **Ducrot** ele [+humano]... aproxima a negação (*Negação*);
- (iii) **A memória de arquivo** ela [-humano] é aquela memória (*Memória Metálica*);
- (iv) **O conceito de memória metálica** ele [-humano] é... tem relação com o excesso (*Memória Metálica*).

Na nossa amostra computamos 43 ocorrências dessa estrutura de tópico marcado. Duarte (1995) indica esse fenômeno sintático como provável efeito colateral (Weinreich, Labov e Herzog, 2006 [1968]) e reflexo do processo de mudança em andamento referindo-se, claramente, ao Parâmetro do Sujeito Nulo, dado que as estruturas de tópico marcado atestadas nas línguas [+sujeito nulo] não contemplam o deslocamento à esquerda de sujeito, mas apenas o deslocamento à esquerda clítico (com retomada anafórica), cujo tópico tem como correferente um clítico acusativo ou dativo com o qual compartilha traços de caso e de pessoa.

#### *O preenchimento do sujeito de referência arbitrária*

No que se refere às estratégias de indeterminação no PB neo-standard, tanto nas modalidades faladas quanto nas escritas, é preciso evidenciar que há algumas diferenças interessantes que distinguem o PB neo-standard do PB standard e do PE (Cavalcante, 1999, 2007; Galves, 1987; Kato e Tarallo, 1986; Duarte, 1995; 2007; Duarte, Kato e Barbosa, 2001; 2005). De fato, as estratégias consideradas standard nas gramáticas prescritivas brasileiras, que tomam como referencial uma gramática anacrônica do PE, incluem:

1. Sujeito indeterminado representado por um sujeito nulo à 3PP; ex.: Reputavam-no o maior comilão da cidade. (Cunha e Cintra, 1985, p. 125)
2. SE indeterminador junto a verbos transitivos indiretos, verbos intransitivos ou verbos transitivos diretos tomados intransitivamente;  
ex.: Precisa-se do carvalho, não se precisa do caniço.  
Ainda se vivia num mundo de certezas.  
Comia-se com a boca, com os olhos, com o nariz. (Cunha e Cintra, 1985, p. 125)



Quanto à estratégia da 3PS sem SE indeterminador, cuja ausência é considerada um erro pelas gramáticas normativas, Cavalcanti (1999, p. 5) afirma que, na edição de 1977 da gramática de Evanildo Bechara, apresenta-se também essa estratégia. Contudo, pela reflexão proposta e pelo exemplo citado (“Diz que eles vão bem”), emerge que se trata apenas e exclusivamente da construção evidencial gramaticalizada DIZ QUE.<sup>10</sup>

Todavia, o uso dessa estratégia, um sujeito nulo indeterminado à 3PS, resultado do apagamento do “SE” indeterminador, atualmente está se difundindo no PB ao lado das construções pessoais com VOCÊ e A GENTE. Galves (1987) foi a primeira a notar a peculiaridade dessa construção típica das variedades faladas (monitoradas e não) do PB, como se pode ver no exemplo a seguir:

- (i) No Brasil, não Ø usa mais saia.

Tendo como pressuposto a tendência a preencher o sujeito de referência definida, supõe-se que também no contexto de sujeitos de referência arbitrária o PB neo-standard preencha mais o sujeito.

No entanto, na nossa amostra registramos seis estratégias para representar o sujeito de referência indeterminada ou arbitrária em frases finitas.

- 1) A estratégia standard com o SE indeterminador (com 43,30% resulta ser a estratégia para indeterminar o sujeito mais utilizada na nossa amostra):
  - (i) “...nas quais se fala também em discurso...” (*Discurso*);
  - (ii) “...Porque ao mesmo tempo que se precisa produzir um deslocamento...” (*Enunciação*)
  - (iii) “Então se ouve falar muito de gesto de leitura...” (*Gesto*).
- 2) A estratégia neo-standard com a construção pronominal A GENTE (24,41%):
  - (i) “E veja bem que o gesto não é só alguma coisa que a gente localiza com uma ação corporal.” (*Gesto*);
  - (ii) “...tudo que a gente sabe que caracteriza, né? esse espaço e que o faz ser um espaço próprio...” (*Espaço Virtual*);
  - (iii) “Isso quer dizer que qualquer ato que a gente faz, qualquer movimento corporal, qualquer movimento corporal, ele é interpretado...” (*Gesto*);

10. Sobre o emprego da construção evidencial “diz que” no PB cf. Casseb-Galvão (2011).



- 3) A estratégia neo-standard com a construção pronominal VOCÊ (20,48%):
  - (i) “...nessas diferentes né?, discursividades, você tem aí a presença e a intervenção... (*Espaço Virtual*);
  - (ii) “...o que está sendo desenvolvido nessa tese é que você tem ao mesmo tempo na contemporaneidade o cinismo grego...” (*Discurso e Cinismo*);
  - (iii) “Então qualquer gesto que você faça, qualquer ação que você faça, pode significar o não...” (*Gesto*).
  
- 4) A estratégia standard com o sujeito indeterminado representado por um sujeito nulo (ou pleno) à 1PP -mos (8,66%):
  - (i) O que normalmente (Ø) encontramos de comum... (*Censura*);
  - (ii) e esse saber acadêmico em manuais vai tentar ser pedagogizado pra chegar a um saber escolar, que é o saber do manual do menino da alfabetização, enfim, todos esses exemplos que nós podemos discutir depois. (*Disciplinarização e Manualização*);
  - (i) Eh... (Ø) temos aí no escopo da análise do discurso... (*Censura*).
  
- 5) A estratégia standard com o sujeito indeterminado representado por um sujeito nulo à 3PP (2,36%):
  - (ii) ...certamente faltam coisas aqui, além do conceito teórico da falta, faltam coisas no trabalho, e Ø vão me perguntar sobre isso. E de fato Ø me perguntaram. (*Equívoco da língua*).
  
- 6) A estratégia neo-standard com a 3PS, resultado do apagamento do SE indeterminador pronominal (registramos apenas uma ocorrência para essa estratégia, representando o 0,79% do total):
  - (i) “Quando Ø fala, quando se fala em discurso, a gente fala em tecido, né?” (Sujeito e Língua).

No que diz respeito às estratégias de indeterminação do sujeito, destaca-se ter registrado na fala acadêmica monitorada dos videoverbetes uma ocorrência dessa estratégia, que podemos considerar como uma das mais inovadoras do PB neo-standard. De fato, o sujeito nulo de 3PS de referência arbitrária não se registra em línguas românicas [+sujeito nulo], como o italiano, o espanhol e o PE, “mas aparece em línguas de outras famílias que compartilham com o PB a propriedade de serem parcialmente pro-drop” (Cavalcante, 2007, p. 65).



Para poder observar a implementação das estratégias mais inovadoras presentes na nossa amostra, comparamos os nossos resultados com os dados de Duarte (2007, pp. 102-106), relativos às estratégias de indeterminação na fala e na escrita padrão em sentenças finitas no PE e no PB. A razão dessa escolha reside no objetivo de buscar, de um lado, evidências dessa implementação na gramática de falantes brasileiros cultos urbanos (alto nível de letramento), do outro, refletir sobre os pontos de contato e as divergências de emprego dessas estratégias conforme as dimensões de variação diatópica (PE/PB) e de variação diamésica (*continuum* fala-escrita).

	SE	3PP	1PP AGENTE	1PP NÓS	VOCÊ	TU	3PS Ø	Total
PE (Fala)	36 (38%)	20 (22%)	18 (20%)	12 (14%)	5 (6%)	-	-	91 (100%)
PE (Escrita Padrão)	181 (69%)	11 (4%)	-	72 (27%)	-	-	-	264 (100%)
PB (Fala) (PEUL)2000	11 (2%)	84 (13%)	131 (24%)	31 (5%)	284 (45%)	14 (2%)	74 (12%)	629 (100%)
PB (Escrita Padrão)	97 (36%)	29 (11%)	13 (5%)	122 (45%)	7 (3%)	-	-	268 (100%)
PB Fala Acadêmica Monitorada	55 (43,30%)	3[Ø] (2,36%)	31 (24,41%)	11 [5Ø] (8,66%)	26 (20,48%)	-	1 (0,79%)	127 (100%)

**Tabela 6.** Ocorrências de sujeitos arbitrários em vários corpora.



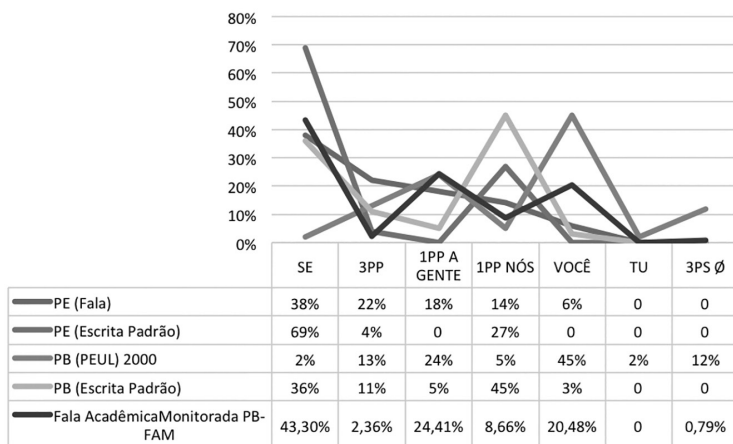


Figura 4. Percentagem das ocorrências de sujeitos arbitrários em vários corpora.

Analisando a tipologia das estratégias de indeterminação empregadas nos diferentes corpora, emerge que as percentagens das tipologias de estratégias registradas na nossa amostra evidenciam o quanto a fala acadêmica monitorada dos videoverbetes oscila entre o PB técnico-científico (pelas numerosas ocorrências das estratégias standard, que, juntas, chegam a 54,32%, 69 ocorrências em 127) e o PB neo-standard (pelo amplo uso de estratégias neo-standard de indeterminação do sujeito com construções pessoais: VOCÊ e A GENTE, que chegam a percentagens de emprego próximas dos dados extraídos do Corpus PEUL 2000)<sup>11</sup>.

## Conclusões

A análise aqui apresentada revela que, apesar de manter muitos traços do PB técnico-científico, a fala acadêmica monitorada dos videoverbetes pode ser considerada uma variedade diamésica cuja gramática está se aproximando da gramática da variedade de uso comum, aquela variedade que chamamos de PB neo-standard, mantendo, porém, um léxico setorial e especializado. De fato, os resultados advindos da nossa análise mostram-nos que, com relação ao preenchimento da posição de sujeito, sujeitos pronominais com correferente não animado e deslocamento à esquerda de sujeito (duplicação de

11. Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL).



sujeito por um pronome), a realidade da fala acadêmica monitorada está mais próxima do PB neo-standard, enquanto só no caso dos sujeitos pronominais de referência arbitrária apresenta percentagens próximas do Corpus PB (Escrita Padrão).

Em suma, mesmo sem nunca chegar a um registro informal, na maioria dos videoverbetes analisados destacamos o uso de um registro menos formal e muitas construções e fenômenos que caracterizam mais o PB neo-standard do que o PB técnico-científico. Entretanto, se alternam uma gramática inovadora, que incorpora, entre outros traços, sujeitos plenos para as três pessoas do discurso, e uma gramática mais conservadora, que apresenta estratégias de indeterminação, em desuso nas variedades orais do PB, monitoradas e não, como o SE indeterminador, a 3PP (com sujeito nulo) e a 1PP standard (com sujeito pleno ou nulo). Isso nos leva a considerar que o processo de neo-standardização do PB se encontra já num estágio bem avançado, pelo fato que o emprego da variedade neo-standard do PB conseguiu superar também as barreiras das modalidades orais do discurso científico mediático, favorecendo a difusão de traços morfossintáticos inovadores numa língua especializada, como a fala acadêmica monitorada.

## Referências

- Barbosa, P. et al. (2005). Null subjects in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 4(2), 11-52.
- Bechara, E. (1977). *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo: Editora Nacional.
- Berlinck, R. de A. et al. (2015). Predicação. In M. Kato e M. do Nascimento (Eds.), *A construção da sentença. Gramática do português culto falado no Brasil* (vol. 2) (pp. 81-149). São Paulo: Editora Contexto.
- Berruto, G. (2004). *Sociolinguística dell'italiano contemporâneo*. Carrocci: Roma.
- Casseb-Galvão, V.C. (2011). Gramática discursivo-funcional e teoria da gramaticalização: revisitando os usos de [disk<sup>i</sup>] no português brasileiro. *Filologia e Linguística Portuguesa*, 13(2), 305-335.
- Cavalcante, S.R. de O. (1999). *A indeterminação do sujeito na escrita padrão: a imprensa carioca dos séculos XIX e XX* (tese de mestrado). Faculdade de Letras-UFRJ. Brasil, Rio de Janeiro, Brasil.



- Cavalcante, S.R. de O. (2007). O sujeito nulo de referência indeterminada na fala culta carioca. *Diadorim*, 2, 63-82.
- Cortelazzo, M. (1994). *Lingue speciali*. Padova: Unipress.
- Cunha, C. e Cintra, L.F.L. (1985). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Cyrino, S. et al. (2000). Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In M. Kato e E.V. Negrão (Eds.), *Brazilian Portuguese and the null subject parameter* (pp. 55-105). Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana.
- De Rosa, G.L. (2017). Il soggetto nel parlato filmico brasiliano contemporâneo. *Rivista di Studi Portoghesi e Brasiliani*, 17, 67-81.
- De Rosa, G.L. (2019). Os sujeitos de 3ª pessoa na fala fílmica brasileira. In R. Mulinacci e G.L. De Rosa (Eds.), *Lingue e Linguaggi*, 32, *Arcaico e moderno, locale e globale nelle culture lusofone. Lingue e Linguaggi* (pp. 225-245). Università del Salento.
- De Rosa, G.L. (2020a). Null Subjects in Contemporary Brazilian Filmic Speech. *Gragoatá*, 25(Esp), 244-267.
- De Rosa, G.L. (2020b). O discurso científico mediado pela web. Legendar videoverbetes entre tipologias textuais, línguas especiais e problemáticas tradutórias. In A. De Laurentiis e G.L. De Rosa (Eds.), *Lingue e Linguaggi*, 35, *Discorso specialistico e multimedialità. Caratteristiche linguistiche e problematiche traduttive*, (pp. 29-45). Università del Salento.
- Duarte, M.E. (1993). Do pronome nulo ao pronome pleno. A trajetória do sujeito no português do Brasil. In I. Roberts e M.A. Kato (Eds.), *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica. Homenagem a Fernando Tarallo* (pp. 107-128). Campinas: Editora da Unicamp.
- Duarte, M.E. (1995). *A perda do princípio Evite Pronome no português brasileiro* (tese de doutorado). IEL/UNICAMP. Campinas, Brasil.
- Duarte, M.E. (1998). O sujeito nulo no português do Brasil. De regra obrigatória a regra variável. In S. Grosse e K. Zimmermann (Eds.), *Substandard e mudança no português do Brasil* (pp. 189-202). Frankfurt: Teo Ferrer de Mesquita (TFM).
- Duarte, M.E. (2000). The loss of the 'avoid pronoun' principle in Brazilian Portuguese. In M.A. Kato e E.V. Negrão (Eds.), *Brazilian Portuguese and the null subject parameter* (pp. 17-36). Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana.
- Duarte, M.E. (2004). On the 'embedding' of a syntactic change. In *Language Variation in Europe. Papers from ICLa VE2 - Second International Conference on Language Variation in English* (pp. 145-155). Uppsala: Universitetstryckeriet.



- Duarte, M.E. (2007). Sujeitos de referência definida e arbitrária: aspectos conservadores e inovadores na escrita padrão. *Linguística*, 3(1), 89-115.
- Duarte, M.E. (2008). Sujeito Nulo/Pleno e marcas de concordância. In S. Votre e C. Roncarati (Eds.), *Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil. Uma homenagem acadêmica* (pp. 265-277). Rio de Janeiro: 7Letras.
- Duarte, M.E. (Ed.). (2012). *O sujeito em peças de teatro (1833-1922). Estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola.
- Duarte, M.E., e Soares da Silva, H. (2016). Microparametric variation in Spanish and Portuguese: The null subject parameter and the role of the verb inflectional paradigm. In M.A. Kato and F. Ordóñez (Eds.), *The morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America* (pp. 1-26). New Iorque: Oxford.
- Galves, C.M.C. (1987). A sintaxe do português brasileiro. *Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura - Ensaios de Linguística*, 7.
- Kaiser, G.A. (2006). Sobre a (alegada) perda do sujeito nulo no português brasileiro. In T. Lobo et al. (Eds.), *Para a história do português brasileiro. Vol. 6: Novos dados, novas análises. Tomo 1* (pp. 11-42). Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia.
- Kato, M.A. (2000). The Partial Pro-Drop Nature and the Restricted Vs Order in Brazilian Portuguese. In M.A. Kato and E.V. Negrão (Eds.), *Brazilian Portuguese and the null subject parameter* (pp. 207-240). Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana.
- Kato, M.A. e Duarte, M.E (2014). Restrições na distribuição de sujeitos nulos no português brasileiro. *VEREDAS – Sintaxe das Línguas Brasileiras*, 18(1), 1-22.
- Kato M.A. and Negrão E.V. (Eds.). (2000). *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana.
- Kato M.A. and Tarallo, F. (1986). Anything YOU can do in Brazilian Portuguese. In O. Jaeggli and C. Silva-Corvalán (Eds), *Studies in Romance Linguistics* (pp. 343-358). Dordrecht: Foris.
- Lira, S. de A. (1982). *Nominal, Pronominal and Zero Subject in Brazilian Portuguese* (tese de doutorado). University of Pennsylvania, Philadelphia.
- Lira, S. de A. (1988). O sujeito pronominal no português falado e escrito. *Ilha do Desterro*, 20, 31-43.
- Lira, S. de A. (1996). *The Subject in Brazilian Portuguese*. New York: P. Lang.



- Mariani, B. (2018). Linguagem, conhecimento e tecnologia: a Enciclopédia Audiovisual da Análise do Discurso e áreas afins. *Linguagem & Ensino*, 21(Esp), 359-393.
- Mariani, B. (2020). La produzione e la circolazione del sapere su piattaforme digitali: lo status del portoghese brasiliano in un'enciclopedia digitale sottotitolata In A. De Laurentiis e G.L. De Rosa (Eds.), *Lingue e Linguaggi*, 35, *Discorso specialistico e multimedialità. Caratteristiche linguistiche e problematiche traduttive* (pp. 13-28). Università del Salento.
- Paredes Silva, V. L. (1988). *Cartas Cariocas. A variação do sujeito na escrita informal* (tese de doutorado). Universidade federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
- Paredes Silva, V. L. (1991). Cartas Cariocas. A variação do sujeito na escrita informal. *Boletim da Abralin*, 11(8), 3-96.
- Paredes Silva, V. L. (2003). Motivações funcionais no uso do sujeito pronominal: uma análise em tempo real. In M.E. Duarte e M. da C. Paiva (Eds.), *Mudança lingüística em tempo real* (pp. 97-114). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Sabatini F. (1990), Rigidity-esplicitness vs elasticity-implicitness: possible parameters for a typology of tests. In G. Skytte e F. Sabatini, *Linguistica testuale comparativa* (pp. 141-172). Copenhagen: Museum Tusulanum Press.
- Sabatini F. (2016). *Lezioni di Italiano*. Milano: Mondadori.
- Sobrero A.A. (2006). Lingue Speciali. In A.A. Sobrero (Ed.), *Introduzione all'italiano contemporaneo. La variazione e gli usi*. Vol. 2 (pp. 237-277). Roma-Bari: Laterza.
- Tarallo, F. (1993). Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX In I. Roberts e M.A. Kato (Eds.), *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica. Homenagem a Fernando Tarallo* (pp. 69-105). Campinas: Editora Unicamp.